

Copula drop em Karitiana (Tupi): uma instância de *sluicing*

Tarcisio Dias*

Resumo

Neste trabalho discutiremos acerca da possibilidade de omissão do verbo copular na língua Karitiana (Tupi). Proporemos que o fenômeno *copula drop* seja uma instância de *sluicing*, um tipo de elipse em que a parte sentencial do CP (TP) é apagada quando C é concatenado (cf. MERCHANT, 2001, 2004). Argumentaremos que o único elemento em TP afetado pela operação de apagamento seja a cópula pelo fato de o material à direita do verbo estar em um domínio de fase (cf. CHOMSKY, 2000, 2001; BOŠKOVIĆ, 2014) já transferido para *Spell-out* no passo da derivação em que a elipse se aplica. Mostraremos que tais construções satisfazem as condições de licenciamento de *sluicing* propostas por Merchant (2001, 2004) e que tal elisão não requer a satisfação de condições de identidade para ocorrer. Apontaremos ainda semelhanças e diferenças com relação ao tratamento oferecido por Barros (2010) para as perguntas especificacionais do Português Brasileiro em que a cópula também pode ser apagada.

Palavras-chave: sintaxe gerativa, cópula, elipse, *sluicing*, Karitiana

Abstract

In this squib we discuss the possibility of copular verb omission in Karitiana (Tupi). We will propose that the copula drop phenomenon is an instance of sluicing in this language, a type of ellipsis in which the sentential part of CP (TP) is elided when C is merged (cf. MERCHANT, 2001, 2004). We will argue that the only element in TP affected by the deletion operation is the copula, because the material to the right of the verb is in a phase domain (cf. CHOMSKY, 2000, 2001; BOŠKOVIĆ, 2014) already sent to Spell-out at the derivational step in which the ellipsis applies. We will show that such constructions satisfy the licensing conditions proposed by Merchant (2001, 2004) and that they do not require identity conditions to occur. We will also point out similarities and differences with regard to the treatment offered by Barros (2010) for Brazilian Portuguese specificational questions in which the copula can be deleted as well.

Keywords: generative syntax, copula, ellipsis, sluicing, Karitiana

* Universidade de São Paulo, USP, *e-mail*: tarcisio.antonio.dias@usp.br.

1 Introdução

Nesse trabalho discutiremos acerca da possibilidade de se elidir a cópula nas sentenças copulares da língua indígena brasileira Karitiana (família Tupi, subfamília Arikém), fenômeno aqui referido como *copula drop*.¹ O objetivo é motivar uma análise que suporte a ideia de que a omissão do verbo copular nas construções apresentadas abaixo é uma decorrência de *sluicing* (MERCHANT, 2001). É importante notar que a elisão da cópula não é possível em contextos de tempo futuro, sendo apenas permitida no tempo não marcado da língua, o não-futuro^{2,3}.

- (1) byyty (ø-na-aka-t) kinda'o-t
mamão 3-DCL-COP-NFT fruta-CONC.ABS.
'O mamão é uma fruta.'
- (2) taso (ø-na-aka-t) i-se'a-t
homem 3-DCL-COP-NFT PART-bom/bonito-CONC.ABS.
'O homem é bom/bonito.'
- (3) taso (ø-na-aka-t) i-kat-ø
homem 3-DCL-COP-NFT PART-dormir-CONC.ABS.
'O homem está dormindo.'
- (4) taso *(ø-na-aka-j) i-kat-ø
homem 3-DCL-COP-FT PART-dormir-CONC.ABS.
'O homem irá dormir.'

(STORTO, 2010, p. 206)

Segundo Storto (2010), as construções de cópula em Karitiana são estruturas bioracionais em que o verbo copular *aka* seleciona uma *small clause* como complemento. Os complementos de natureza minioracional podem ter como núcleo um predicado nominal (1), um predicado adjetival (2), ou um predicado verbal (3) e (4). Predicados não nominais requerem, obrigatoriamente, a prefixação do nominalizador {i-}, glosado como participípio pela autora. O morfema {-t/-ø}, sufixado ao predicado, refere-se a uma marca de concordância

¹ A possibilidade de apagamento do verbo copular não parece estar restrita a contextos pragmáticos determinados. Acreditamos que somente a aplicação de testes/experimentos que controlem variáveis pragmáticas poderão dar evidências definitivas do papel do contexto, se existente, na permissão de tal elipse.

² A língua Karitiana não faz distinção morfológica entre os tempos passado e presente (cf. STORTO, 1999).

³ Lista de abreviatura das glosas: 3 = concordância de 3ª pessoa; DCL = modo declarativo; COP = cópula; NFT = não-futuro; FT = futuro; PART = participípio; CONC.ABS. = concordância absoluta; ADVZR = adverbializador; IMPF = imperfectivo.

absolutiva (CONC.ABS.), visto que é sempre obrigatório quando um argumento absolutivo é extraído (e.g. sentenças copulares, clivadas e perguntas Qu- de tempo não-futuro). A autora argumenta que o elemento pré-copular encontra-se focalizado, em razão de que tais construções são utilizadas como respostas a perguntas Qu-. O fato de que a atribuição de Caso em Karitiana não parece requerer movimento⁴ também favorece uma análise em que o elemento pré-verbal nas construções com cópula ocupa uma posição A-barra e não uma posição-A de Caso (e.g. Spec,TP).⁵ Sendo assim, iremos assumir, na esteira da autora, que o elemento pré-copular nas sentenças de 1 a 4 acima ocupa uma posição de Foco, mais especificamente Spec,CP,⁶ uma projeção de foco cujo núcleo c-seleciona um TP como complemento. Por fim, vale notar que o verbo copular exibe uma marca invariável de 3ª pessoa.⁷ A estrutura proposta para as construções de cópula do Karitiana está esquematizada a seguir.⁸

(5) Taso_i naakat [NOM [SC t_i X]] em que X = N, A ou V intransitivo.

(STORTO, 2010, p. 207)

Na seção a seguir, apresentaremos o quadro teórico que norteará nossa análise.

2 *Background* teórico

O termo *sluicing* refere-se a um tipo de elipse em que o constituinte omitido corresponde a um TP.⁹ Neste trabalho, iremos nos basear na proposta de Merchant (2001, 2004) no que se refere às condições sintáticas de licenciamento do *sluicing*, ou seja, as condições estruturais e os traços das categorias envolvidas. Proporemos que o apagamento evidenciado nos dados de (1) a (4) do Karitiana decorre de *sluicing*, assumindo que ele seja

⁴ Storto (1999), baseando-se na teoria de Caso de Bittner & Hale (1996a, 1996b) (i.e. *Case Binding Theory*), propõe uma análise de atribuição de Caso para o Karitiana, língua ergativo-absolutiva, em que o Caso ergativo é atribuído *in situ* sob regência de I e o Caso absolutivo é atribuído *in situ* sob regência de C, de modo que a língua não requer movimento dos argumentos para que relações de Caso sejam estabelecidas.

⁵ Rocha (2016) reanalisa tal sufixo como um adverbializador tendo em vista o paralelo por ele observado entre as construções de cópula e as construções adverbiais do Karitiana. Segundo o autor, orações adverbiais são obrigatoriamente marcadas por {-t/-ø}. O sufixo em questão também participa da formação de advérbios na língua, como *kandat* ('muito') e *pitat* ('muito'). Seguiremos assumindo a descrição de Storto (2010) para o morfema em questão, visto que não nos está clara a maneira pela qual uma estrutura adverbial de adjunção poderia capturar relações de predicação nas construções de cópula da língua. De qualquer maneira, acreditamos que, seja qual for o seu real estatuto, a análise aqui desenvolvida poderá ser mantida.

⁶ De acordo com Storto (1999), Spec,CP em Karitiana é uma posição associada com semântica de foco.

⁷ Acreditamos que o fato de o verbo invariavelmente exibir uma marca de 3ª pessoa mesmo quando o elemento pré-verbal é uma 1ª ou uma 2ª pessoa (cf. STORTO, 2010) também pode ser tomado como evidência de que ele se encontra em uma posição A-barra, visto que não dispara concordância.

⁸ De acordo com Storto (2010) as *small clauses* em Karitiana são nominalizadas via morfema *i-*, e o verbo copular exibe concordância com o constituinte nominalizado.

⁹ Na literatura sobre o fenômeno, *sluicing* também pode ser referido como elipse de IP.

uma instância de elipse sem antecedente e que, por este motivo, não requer condições de identidade para ocorrer.¹⁰

Segundo Merchant (2001), *sluicing* é a elisão do IP sob as condições apresentadas no esquema em (6) em que a ausência de pronúncia da parte sentencial de um CP interrogativo é permitida. O fenômeno decorre de dois mecanismos, a saber: o movimento de um elemento Qu- do sítio da elisão para Spec,CP, seguido de um apagamento em PF (*Phonological Form*) instruído por um traço E presente no núcleo C. De acordo com o autor, o nóculo I contém um traço E que deve ser checado por um núcleo C com traços [+wh, +Q]. Sendo assim, E move-se de I para C a fim de ser checado. Em C, E instrui PF de que o seu complemento não precisará ser fonologicamente realizado.

(6) [CP XP_[+wh] [C' C_{[E][+Q]} IP]]

(MERCHANT, 2001, p. 60)

A proposta de Merchant (2001) tem como alvo dados em que elementos Qu- são os itens remanescentes do *sluicing*, como em (7). Sendo assim, o tratamento que o autor dá a este fenômeno parte não só da ideia de que há estrutura no sítio da elipse, mas também de que tal estrutura está ativa na Sintaxe, visto que o movimento Qu- tem no IP elidido a sua posição de origem. É uma operação em PF, instruída pelo traço E, conforme esclarecemos acima, a responsável pela ausência da contraparte sonora da estrutura.

- (7) a. Jack bought something, but I don't know what.
 'Jack comprou algo, mas eu não sei o quê (Jack comprou).'
- b. Someone called, but I can't tell you who.
 'Alguém ligou, mas eu não posso te dizer quem (ligou).'
- c. Beth was there, but you'll never guess who else.
 'Beth estava lá, mas você nunca adivinhará quem mais (estava lá).'

(MERCHANT, 2001, p. 3)

No entanto, os elementos Qu- não são os únicos termos possíveis remanescentes de *sluicing*. Fragmentos de respostas, conforme apontado por Merchant (2004), também podem “sobreviver” à elipse de TP (cf. exemplos de (8) a (10)). Segundo o autor, os DPs nos exemplos em (b) abaixo não seriam instâncias de mera projeção de um elemento nominal ([_{DP} John]), mas sim a instância de um elemento originado em uma sentença ([_{FP} [IP she saw [_{DP} John]]]), e movido para a sua periferia esquerda, a qual o autor nomeia FP, uma projeção de foco. Uma vez movido, o traço E em F seria capaz de ativar o apagamento do material

¹⁰ De modo geral, as condições de identidade referem-se à necessidade de que o constituinte elidido seja semanticamente recuperado com base em um constituinte antecedente no discurso.

remanescente em IP (*she saw*). Desta forma, não apenas os traços [+wh, +Q] seriam capazes de checar E, visto que traços de foco também o seriam.

- (8) a. Who did she see? ('Quem ela viu?')
 b. John.
 c. She saw John. ('Ela viu John.')
- (9) a. What's that? ('O que é aquilo?')
 b. A dish. ('Um prato.')
- (10) a. What's left for me to eat? ('O que sobrou para mim comer?')
 b. Some turkey. ('Alguns (pedaços de) peru.')

(MERCHANT, 2004, p. 273)

Se o apagamento da cópula aqui investigada é, de fato, uma instância do fenômeno estudado por Merchant (2001, 2004), nada além do verbo copular poderá ser afetado pela aplicação da elipse. Na próxima seção, evidenciaremos que o constituinte situado à esquerda da cópula não está presente em TP e que o elemento à direita da cópula não faz parte do sítio de elisão, o que argumentaremos ser uma decorrência natural de uma abordagem derivacional por fases.

Conforme Chomsky (2001), em uma fase α de núcleo H, o domínio de complemento de H (YP) torna-se sintaticamente inerte quando tal fase estiver presente no domínio de complemento de uma fase β de núcleo Z. Quando Z for concatenado o complemento de H será transferido para *Spell-out*, tornando-se inacessível para operações em β .

- (11) [β Z ... [α [H YP]]]

(CHOMSKY, 2001, p. 13)

Bošković (2014) argumenta que elipses são restringidas por fases. Para ele, apenas fases (completas) e complementos de núcleos de fase podem ser elididos. Nesse sentido, a elipse seria uma instância não pronunciada em PF, ou seja, uma contraparte da operação de *Spell-out*.

3 Copula drop no Português Brasileiro e *sluicing*

A análise aqui desenvolvida tem como base o trabalho de Barros (2010) para a elipse da cópula no Português Brasileiro (PB) em sentenças de perguntas Qu- especificacionais, como (12). O autor propõe que a omissão da cópula neste contexto decorre de *sluicing*, uma vez que a estrutura na qual o verbo copular se encontra equipara-se àquela em (6). Como é possível notar, a posição que o DP interrogativo ocupa em (12) decorre de movimento Qu-. Barros (2010) argumenta que o DP pós-verbal, por sua vez, é o sujeito sentencial deslocado à direita (*rightward movement*).

(12) [CP [DP Qual₁] [C [TP t₁ (é) t₂]] [DP o seu tipo de sorvete favorito]₂?

(BARROS, 2010, p. 65)

Uma sentença especificacional declarativa é uma construção de cópula em que o verbo copular é flanqueado por dois DPs, sendo o primeiro deles um DP predicativo e o segundo um DP referencial, como em *The teacher of this class is Bill* (O professor desta classe é o Bill).¹¹ Barros (2010) argumenta que em perguntas especificacionais como (12) o sujeito é o DP₂ deslocado. O autor mostra que DPs predicativos com semântica de tópico em construções de cópula flanqueada são os sujeitos da sentença. Caso o DP predicativo não esteja saliente no discurso, o DP referencial será preferencialmente o sujeito, derivando-se, assim, uma sentença predicacional (ver nota 13). Para evidenciar a relação entre semântica de tópico e posição de sujeito, o autor traz o exemplo em (13).

(13) A: Who is the teacher of this class? ('Quem é o professor desta classe?')

B: The teacher of this class is Bill. ('O professor desta classe é o Bill.')

#Bill is the teacher of this class. ('O Bill é o professor desta classe.')

(BARROS, 2010, p. 67)

Sendo o sujeito da sentença especificacional, o DP predicativo (DP₂ em (12)) pode ter o seu posicionamento pós-verbal em interrogativas explicado em termos de um deslocamento à direita, uma adjunção acima de TP, tendo-se em vista que esta não é a posição canônica para o sujeito no PB, uma língua SVO.

No que concerne à análise de *copula drop* em Karitiana a ser aqui proposta não postularemos, no entanto, um deslocamento à direita (adjunção a CP) do predicado da cópula.

¹¹ Na situação inversa, em que o primeiro DP é referencial e o segundo DP é predicativo, temos outro tipo de sentença, denominada *sentença predicacional*, como em *Bill is the teacher of this class* ('O Bill é o professor desta classe').

Iremos argumentar em favor de uma restrição de fases para explicar por que o predicado da sentença copular pode ser um item remanescente da elipse de TP.

4 *Copula drop* em Karitiana

4.1 Condições de licenciamento

Com base na intuição dos falantes nativos com os quais trabalhamos, concluímos que as sentenças sem cópula e as suas versões com cópula não apresentam diferenças de interpretação significativas, ao menos não de uma maneira óbvia. Com isto em mente, assumiremos que a única diferença existente entre as construções de cópula com o verbo fonologicamente realizado e as construções de cópula com o verbo não realizado decorre da presença do traço E em C no curso da derivação.

Conforme vimos na Introdução, o elemento pré-verbal nas construções com cópula do Karitiana está em Spec,CP, fora, portanto, do sítio da elisão (TP). Vimos, ainda, que traços de foco, e não somente traços Qu- ([+wh,+Q]), são capazes de licenciar a elipse de TP, tendo em vista os dados de fragmentos de respostas analisados por Merchant (2004) como instâncias de *sluicing*. Discorreremos agora sobre o elemento pós-verbal em tais construções. Ao contrário de Barros (2010), não temos nenhuma evidência de que tal elemento se encontra adjungido a uma posição alta em Karitiana, de modo que ele esteja fora do sítio de *sluicing*. Iremos, portanto, argumentar que o elemento pós-verbal corresponde a um domínio de fase e que já teria sofrido *Spell-out* no ponto da derivação em que a elipse se aplica.

Diferentemente de Chomsky (2001), em que uma fase corresponde invariavelmente a um CP ou a um ν P, Bošković (2014) propõe uma abordagem contextual para as fases, de modo que o domínio de uma fase corresponda à projeção estendida de uma categoria lexical, como N, V, P e A.¹² Nas construções em questão, temos que o núcleo C possui no seu domínio de C-comando uma fase correspondente à projeção lexical do predicado, seja ele nominal (1), adjetival (2) ou verbal (3). Deste modo, o domínio da fase predicacional em questão sofrerá *Spell-out* assim que o núcleo C for concatenado, tornando-se indisponível para operações sintáticas.¹³

A ideia aqui sugerida para as construções de cópula do Karitiana é a seguinte: o elemento pós-copular, por estar em um domínio de fase mais baixo (i.e. fase correspondente à projeção lexical do predicado), já teria sido transferido para *Spell-Out* e pronunciado no momento em que C é concatenado, tornando-se indisponível para a aplicação de *sluicing*, o que tem como efeito o fenômeno de *copula drop*.

¹² Pela proposta do autor, tal núcleo poderia ser V ou ν , a depender do que é projetado pela categoria lexical verbal (V), podendo até ser um núcleo aspectual, por exemplo. Diferentemente de Chomsky (2000, 2001), para Bošković (2014) não somente o ν transitivo é um núcleo de fase.

¹³ Embora não seja uma categoria lexical, o autor assume, junto a Chomsky (2001), que o CP é uma fase.

(14) [CP byyty C_[E] [TP naakat [_{vP} v_{naakat} ... [NP kinda'ot]]]]¹⁴

(15) [CP taso C_[E] [TP naakat [_{vP} v_{naakat} ... [AP ise'at]]]]¹⁵

(16) [CP taso C_[E] [TP naakat [_{vP} v_{naakat} ... [VP ikat]]]]¹⁶

O elemento pré-copular nas estruturas de (14) a (16) ocupa uma posição de foco (cf. STORTO, 2010) estando fora, portanto, do sítio de elisão de TP. Implementando Bošković (2014), em que a projeção estendida de um verbo é um núcleo de fase (ver nota 14), propomos que a cópula é núcleo de uma fase verbal.¹⁷ Sendo assim, o seu complemento (i.e. *small clause*) será enviado para *Spell-out* quando C for concatenado e o traço E nele presente não será capaz de elidir tal constituinte, de modo que o único elemento afetado por *sluicing* será a cópula em TP.¹⁸

4.2 Condições de identidade

A elipse de cópula em Karitiana, tal como vista neste *squib*, é uma instância do chamado *sluicing* sem antecedente (*antecedentless sluicing*) (cf. BARROS, 2010) em que a identificação (recuperabilidade semântica) do material omitido não se daria pela presença de um antecedente tal como é necessário para a identificação do *sluicing* em casos como o de (7), para os quais Merchant (2001) propõe a condição semântica de *e-GIVENness*,¹⁹ em que apenas TPs que atendam a tal condição poderiam ser elididos. De acordo com Barros (2010), o *sluicing* sem antecedente é possível quando o material elidido é discursivamente recuperável. No caso das perguntas especificacionais do PB, ele propõe que os itens remanescentes (DP₁ e DP₂) têm de estar D-ligados (*D-linked*), ou seja, ligados a um contexto que os identifique como pertencentes a um conjunto saliente no discurso. Em uma pergunta como *Qual (é) o seu cachorro*, por exemplo, deve haver um conjunto de cachorros salientes ao discurso a partir do qual o DP possa estabelecer a sua referência.

¹⁴ Estrutura correspondente à sentença (1).

¹⁵ Estrutura correspondente à sentença (2).

¹⁶ Estrutura correspondente à sentença (3).

¹⁷ Segundo Rocha (2016), a cópula em Karitiana é um verbo intransitivo com propriedades inacusativas, selecionando, por exemplo, um único argumento interno. Para Bošković (2014), não somente verbos transitivos determinam uma fase, construções passivas e inacusativas também.

¹⁸ De acordo com Storto (1999), o verbo em Karitiana move-se até o último núcleo funcional disponível na sentença, no caso, C.

¹⁹ Em termos muito gerais, tal condição identifica o material elidido com um antecedente linguístico que implique um acarretamento da questão sob *sluicing*. É relevante mencionar que em Merchant (2001) o *sluicing* é um fenômeno próprio de CPs interrogativos, o que será reconsiderado em seu trabalho de 2004.

No caso do Karitiana, seria bastante difícil propor que a cópula seja discursivamente recuperável, visto que o seu apagamento não parece ser instanciado em um contexto discursivo específico já que, como vimos, sentenças com e sem cópula são sinônimas. Iremos, assim, propor que não há, simplesmente, a necessidade de o material elidido ser semanticamente recuperado: tratando-se de uma cópula, não há propriedades semânticas codificadas no elemento silenciado. Ou seja, satisfazer condições de identidade neste contexto seria vácuo.

Assumindo junto a Rothstein (1995) que verbos copulares sejam um mero suporte de marcas flexionais, o seu apagamento não demandaria mecanismos de recuperabilidade semântica em LF, bastando que ele atenda, portanto, a condições de licenciamento. O fato de que o verbo copular só pode ser omitido no tempo não-marcado da língua (i.e. não-futuro) parece reforçar a ideia de que a aplicação de condições de identidade no que se refere ao apagamento da cópula seria improfícua. A elipse da cópula em contextos de tempo marcado (e.g. futuro) demandaria, por sua vez, condições de identidade que não podem ser satisfeitas na ausência de um antecedente linguístico, visto não se tratar de uma interpretação *default*.²⁰

Assim, diferentemente de Barros (2010), que busca vincular o apagamento da cópula nas sentenças Qu- especificacionais do PB a um contexto discursivo, propomos que a questão da identidade da elipse sequer se aplica no que se refere à omissão da cópula. Assumindo tratar-se de um verbo presente na sentença apenas para marcar propriedades gramaticais, o seu apagamento não requer a satisfação de condições de identidade simplesmente porque não há um conteúdo semântico a ser recuperado, o que justificaria a ocorrência de tal elipse na ausência de antecedentes. Elipses sem antecedente, portanto, seriam licenciadas somente quando o material apagado não contribuir para a interpretação semântica da sentença, como é o caso da cópula, já que a relação predicativa (o que de fato é relevante para LF) já foi “resolvida” no interior da *small clause*.

5 O fenômeno V-2 em Karitiana

De acordo com Storto (1999), o Karitiana pode ser caracterizado como uma língua V-2. O fenômeno V-2 é tipicamente associado a línguas germânicas, nas quais é possível notar que o verbo finito sempre ocupa a segunda posição estrutural da sentença. Uma outra característica de línguas V-2 é a presença obrigatória de um constituinte na posição inicial, ou seja, no especificador da projeção para a qual o verbo se move. Sendo assim, ela argumenta que o verbo em Karitiana move-se para C em orações matriz. Temos, agora, um aparente

²⁰ Mesmo nos dados do PB, presentes em Barros (2010), é possível notar que a elipse de cópula é possível no tempo não marcado (o presente), tendo em vista a dificuldade de se recuperar uma cópula com traços de passado ou de futuro em contextos *out-of-the-blue*. Uma sentença como *Qual o seu tipo de sorvete favorito?* dificilmente seria interpretada como sinônima de *Qual foi/era/será o seu tipo de sorvete favorito?*, mas sim como sinônima de *Qual é o seu tipo de sorvete de favorito?*.

problema associado à análise aqui desenvolvida. Se a elipse de cópula em Karitiana é uma instância de *sluicing*, por qual motivo a cópula, que estaria em C conforme o exposto acima, poderia ser elidida em TP?

Merchant (2001), ao tratar das condições de licenciamento da elipse de IP, lida com dados de línguas que apresentam o fenômeno V-2, em que o verbo auxiliar, mesmo aparecendo em C na versão não elidida da estrutura (cf. dado em (17)), não é um item remanescente do *sluicing*, como é possível perceber em (18).²¹

(17) [CP who₂ [C' C has [IP Max t_{has} [invited t₂]]]]?

(MERCHANT, 2001, p. 63)

(18) A: Max has invited someone.

‘Max convidou alguém.’

B: Really? Who (*has)?

‘Sério? Quem (*foi)?’

(MERCHANT, 2001, p. 63)

O autor propõe haver uma ordem de aplicação entre as operações de movimento de núcleo e de apagamento em casos de *sluicing*. O apagamento do material em IP precederia o movimento de núcleo evidenciado em (17). Uma consequência desta proposta é a assunção de que o movimento de núcleo para C típico das línguas V-2 ocorreria em PF. Tal movimento é comumente entendido na literatura como decorrência da necessidade de um traço forte em C ser checado por um traço correspondente em I. Quando um traço forte é checado, PF requer um movimento aberto em que todos os traços presentes em I sejam movidos para C.²²

Em casos de *sluicing*, Merchant (2001) sugere que nem todos os traços presentes em I seriam movidos para C em línguas V-2. Sendo assim, o movimento dos traços ocorreria na Sintaxe coberta, o que justificaria a ausência da contraparte sonora de C. Outra possibilidade, tal como apontada pelo autor, seria dizer que é um traço forte em I (e não em C) que desencadeia movimento aberto de I para C, um nóculo capaz de checá-lo. Em casos de *sluicing*, porém, tal traço é apagado antes de ser movido, não chegando em PF, evitando, assim, a derivação de uma sentença mal formada. Entretanto, conforme aponta Merchant (2001), é necessário investigar melhor qual a motivação para a ordenação proposta para as operações de apagamento e de movimento de núcleo em casos de elipse. Acreditamos que elucidar tal motivação é importante para que possamos entender melhor a sintaxe do traço E, visto que, pela proposta do autor, o movimento de tal traço de I para C teria de ocorrer antes da checagem de traços fortes.

²¹ O autor ainda traz as versões alemã, holandesa e dinamarquesa deste dado (cf. MERCHANT, 2001, p. 63).

²² Cf. Merchant (2001, p. 73).

6 Considerações finais

Supomos que a abordagem da omissão de cópula em Karitiana sob a perspectiva das Teorias de Elipse (MERCHANT, 2001; BOŠKOVIĆ, 2014) é bastante produtiva por não ter de postular que tal fenômeno seja decorrência de propriedades particulares da língua, mas sim de condições gerais de licenciamento de elipse tal como atestado em diversas línguas do mundo. Se a análise aqui sugerida estiver correta, temos evidências em favor da proposta de *sluicing* de Merchant (2001, 2004), bem como evidências em favor da proposta de Fases de Bošković (2014). Ou seja, propusemos que a elipse de cópula em Karitiana não precisa atender a condições de identidade para ser licenciada, visto que o material elidido não contribui semanticamente para a interpretação da sentença.

Referências

- BARROS, M. *Sluicing and the Brazilian Portuguese Null Copula*. In: *Rutgers Working papers in Linguistics*, ed. Peter Starovevov, Daniel Altshuler, Aaron Braver, Carlos Fasola, and Sarah Murray. Volume 3, pp. 64-91, Linguistics Graduate Student Association: New Jersey, 2010.
- BITTNER, M., & HALE, K. The structural determination of case and agreement. In: *Linguistic inquiry*, pp. 1-68, 1996a.
- BITTNER, M., & HALE, K. Ergativity: Toward a theory of a heterogeneous class. *Linguistic Inquiry* 27, pp. 531-604, 1996b.
- BOŠKOVIĆ, Z. Now I'm a phase, now I'm not a phase: On the variability of phases with extraction and ellipsis. *Linguistic Inquiry* 45, pp. 27-89, 2014.
- CHOMSKY, N. *Minimalist inquiries: The framework* (MITOPL 15). In *Step by step: Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*, pp. 89-155, 2000.
- CHOMSKY, N. *Derivation by phase*. In *Ken Hale: A life in language*, ed. by Michael Kenstowicz, 1-52. Cambridge, Mass: MIT Press, 2001.
- MERCHANT, J. *The Syntax of Silence: Sluicing, Islands and The Theory of Ellipsis*. Oxford University Press: Oxford, 2001.
- MERCHANT, J. Fragments and Ellipsis. *Linguistics and Philosophy* 27, 6: 661-738, 2004.
- ROCHA, I. *Não-finitude em Karitiana: subordinação versus nominalização*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2016.
- ROTHSTEIN, Susan. *Small clauses and copular constructions*. *Small clauses*, pp. 27-48, 1995.
- STORTO, L. *Aspects of a Karitiana Grammar*. Ph.D. Dissertation. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1999.
- STORTO, L. Copular constructions in Karitiana: a case against Case Movement. In: *University of Massachusetts Occasional Papers* 41. Amherst: GLSA/The University of Massachusetts, pp. 205-226, 2010.

Squib recebido em 31 de maio de 2017.

Squib aceito em 19 de maio de 2018.